

## ESCREVENDO OS SONS DO ARETÉ GUASU: TRANSCRIÇÃO MUSICAL E CONTEXTO SONORO NO ESTUDO DOS RITUAIS

LUCAS NUNES DA SILVA BARROS<sup>1</sup>; ABDUL SHAKIR FERREIRA ALVES  
GAJARDO VEGA<sup>2</sup>; LUIS FERNANDO HERING COELHO<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – lucas.barros.ubatuba@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – abdulgv@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – heringcoelho@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o recém iniciado projeto 'Escrevendo os sons do *areté guasu*: transcrição musical e contexto sonoro no estudo dos rituais' (Código 7334, período de execução de setembro de 2023 a setembro de 2024). Situado no campo da Etnomusicologia, o projeto surgiu como uma parceria colaborativa entre o Grupo de Pesquisa em Ciências Musicais (CIMUS) da UFPEL e o Departamento de Antropologia da UFSC, na pessoa da pesquisadora Maria Eugenia Domínguez, que vêm realizando trabalho de campo na região do Chaco (Paraguai, Argentina e Bolívia). Seu objetivo é contribuir com os estudos das musicalidades sul-ameríndias, realizando transcrições extensivas e análises de gravações da música do ritual *areté guasu* realizadas em 2023, atentando para aspectos processuais, estruturais e performáticos - fatores que colaboram na construção de um horizonte de sentidos musicalmente mediado - e levantando hipóteses sobre a possível convergência entre as musicalidades das terras altas e baixas da América do Sul na estrutura musical do *areté guasu*.

O *areté guasu* é um ritual de ocorrência anual (entre o mês de janeiro e a páscoa) realizado por povos indígenas guarani e chané da região do Chaco boreal no noroeste paraguaio, e em partes do sudeste da Bolívia e norte da Argentina. Por alguns dias, estes se reúnem para partilhar bebidas e dançar. Alguns ainda afirmam que seus antepassados já falecidos juntam-se a eles no ritual e podem ser vistos, ouvidos ou cheirados (DOMÍNGUEZ, 2018).

Sua música instrumental, de flauta, e percussão (caixas e bumbo), é parte imprescindível do rito, sendo assim definido como *ritual musical* por DOMÍNGUEZ (*idem*). Durante a performance, quando o *flautero* pena para tirar um bom som de sua flauta, é advertido pelos presentes que lhe “falta trago”. Existe aí uma associação entre uma alteração timbrística e um elemento importante da cosmologia nativa que entende as flautas como seres dotados de agência: a flauta está pedindo bebida (*ibidem*). Temos aí um exemplo da profunda conexão entre o som da música e a cosmologia indígena, mesmo com a marcante presença da fé católica resultante das missões cristãs no oeste do Chaco desde o século XVIII.

Sobre a origem da festa, há narrativas indicando uma raposa que, quando se aproxima o carnaval, vem tocando flauta e caixa, trazendo música. Em outra versão, um rato e uma raposa que, imitando o som do assobio do focinho do primeiro e o chocalhar da mandíbula da segunda, criam a música do evento e a ensinam aos humanos através de sonhos. Percebe-se que o ritual musical *areté guasu* trata de relações no campo simbólico entre vida e morte e entre distintas províncias cosmológicas.

Na visão dos participantes, os critérios para uma performance de qualidade, no que diz respeito à flauta, são fazer com que as pessoas dancem e a capacidade de evocar determinadas memórias e afetos. Neste sentido, Domínguez (2018)



descreve o relato de um homem chané que esteve no *areté* de 2017 e viu, na fase final da festa, um menino *flautero*, que apesar da pouca idade, fez as senhoras chorarem ao ouvi-lo tocar, uma vez que o jovem trazia em seu toque “melodias antigas”, consideradas especialmente belas e evocadoras.

## 2. METODOLOGIA

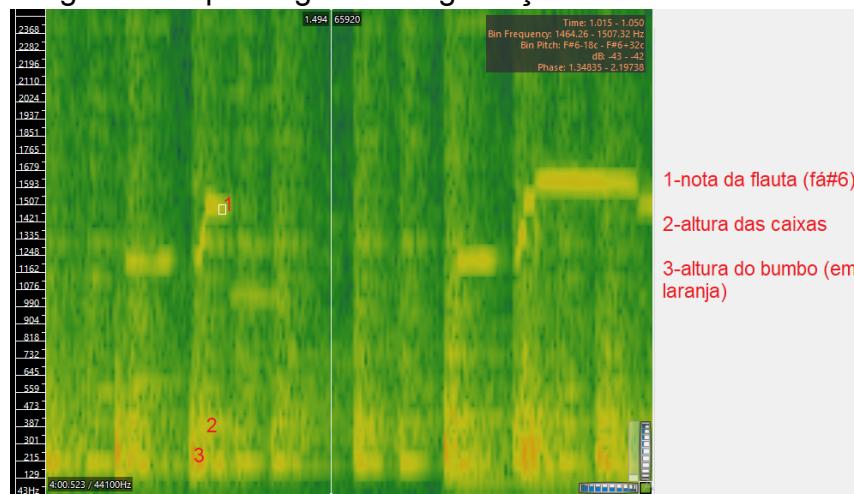
No processo de transcrição, são utilizados como ferramentas os softwares Musescore (notação musical) e Sonic Visualizer (gerador de espectrogramas e outros gráficos analíticos). A partir da escuta ativa, que consiste em ouvir uma peça musical buscando identificar elementos como alturas, intervalos e padrões rítmicos, com o propósito de transcrevê-los, cria-se esboço em papel pautado (ou pauta virtual) de elementos estruturais rítmicos e melódicos para, em seguida, gerar notações musicais de trechos completos das peças das gravações feitas em campo.

A notação no Musescore é realizada através da escuta ativa, com a possibilidade de redução do andamento das gravações para percepção de detalhes, além da sua localização visual tal como permitida pelos espectrogramas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da visualização gerada nos espectrogramas, é possível observar os sons da flauta, caixas e bumbo a partir de suas alturas. As cores designam a potência em decibéis das notas emitidas. A largura das cores reflete a duração das notas. Ao arrastar o cursor para as notas, é possível verificar a sua altura com a precisão de centésimo de semitom.

Figura 1. Espectrograma da gravação do *flautero* Ruben.



A visualização dessas informações sonoras refina o resultado do processo de notação em pauta, sendo possível, em alguns casos, observar sequências rápidas de notas da flauta que poderiam ser confundidas com o ornamento *glissando*. A notação minuciosa destas sequências se justifica pela possibilidade de compreensão das escalas do instrumento, aspectos de sua construção e estilos de ornamentação de instrumentistas específicos. É evidente que essa escolha notacional torna o processo de transcrição mais lento. Portanto, quando ocorre uma repetição da exata sequência de notas, estas são de fato escritas como ornamento. Segue um exemplo abaixo.



Figura 2. Sequência nota por nota e sua repetição como ornamento.



Ao longo do processo de transcrição, novas problemáticas relacionadas à notação deste repertório transparecem, como a padronização da fórmula de compasso (fora adotado o compasso binário, com base na marcação constante de tempo forte/fraco). Outras questões como identificação de sequências homólogas (MENEZES BASTOS, 2013) e a diferenciação entre sequência fundamental e sequência ornamental, serão abordadas futuramente na fase analítica do projeto.

O exercício da escuta ativa associado à transcrição extensiva do repertório gravado do *areté*, pode proporcionar tanto uma melhor diferenciação entre as características recorrentes e as excepcionais, quanto levantar discussões sobre possibilidades e limitações de notação; evidenciação de aspectos construtivos, compostionais e variações destes e, por fim, a possibilidade de caracterização analítica de um gênero, bem como o mapeamento de estilos individuais e/ou regionais.

#### 4. CONCLUSÕES

A criação do projeto 'Escrevendo os sons do *areté guasu*: transcrição musical e contexto sonoro no estudo dos rituais' apresenta um potencial de contribuição à linha de pesquisa em etnomusicologia sul-americana, na medida em que buscará aprofundar, em seu desenvolvimento, a compreensão de aspectos estruturais do ritual musical *areté guasu*, além de entrar no debate mais geral sobre a transcrição do som em etnomusicologia.

O projeto ainda dispõe do potencial de ter seus resultados publicados em periódicos internacionais, como os da região sul-americana, na qual estabelece seu foco de pesquisa, contemplando assim o que dispõem os objetivos 4.1 e 6.1 da Política de Internacionalização da UFPel, descrita no Planejamento estratégico de Internacionalização da UFPel de 2018.

Por fim, o caráter colaborativo do projeto entre uma pesquisadora em campo e um grupo em laboratório, bem como a utilização da transcrição musical e análise são características que sugerem uma relação com o trabalho de Anthony Seeger com o povo Kisêdjê. Nas palavras do etnomusicólogo,

[...] uma transcrição musical cuidadosa pode revelar aspectos da performance que as categorias nativas não ressaltam. Uma boa transcrição musical pode levantar muitas perguntas. Essas perguntas podem levar ou não a uma compreensão maior da música, mas costuma ser proveitoso formulá-las (SEEGER, 2015, p.203-204).

Concluindo, é justamente a partir do confronto entre nossos parâmetros musicais e os ameríndios que emergem questões produtivas e comparativas na pesquisa.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BASTOS, R. J. M. **A Festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

DOMÍNGUEZ, M. E. Sons, Ritual e História Indígena no Oeste do Chaco. **Ilha.** Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 45-66, 2018.

SEEGER, A. **Por que cantam os Kisêdjê - uma antropologia musical de um povo amazônico.** São Paulo: Cosac Naify, 2015. Cap. 5, p. 181-206.